



IMAGENS MULTISSITUADAS, PERFORMANCE E O DIGITAL: PESQUISAS CONTEMPORÂNEAS EM ARTE E ANTROPOLOGIA

MULTI-SITUATED IMAGES, PERFORMANCE, AND THE DIGITAL: CONTEMPORARY RESEARCH ON ART AND ANTHROPOLOGY

IMÁGENES MULTISITUADAS, PERFORMANCE Y LO DIGITAL: INVESTIGACIONES CONTEMPORÂNEAS EN ARTE Y ANTROPOLOGÍA

Marina Cavalcante Vieira¹

Cristina Barretto de Menezes Lopes²

 10.21665/2318-3888.v11n22p09-25

RESUMO

Não existe cientista social que não se depare com imagens em suas pesquisas contemporâneas, sejam fotográficas, audiovisuais, memes que circulam em redes sociais ou imagens institucionais em páginas oficiais dos grupos estudados: as imagens circulam. O artigo a seguir surge como um convite para observarmos a importância dos campos das imagens, da performance e do digital como possibilidades exploratórias de pesquisas multissituadas em antropologia. O tema surge como um encontro entre pesquisadoras que se colocam a pensar imagens e performances a partir de origens e formações distintas. O objetivo do nosso trabalho é apresentar o conceito de etnografia multissituada, de George Marcus, diante da análise da performance de Richard Schechner e da emergência da antropologia digital, como forma de compreender a proliferação, circulação e multissituacionalidade das imagens contemporâneas. O texto apresenta a articulação desses diversos campos em uma discussão teórico-metodológica sobre as condições e possibilidades criativas de fazer pesquisa em antropologia, arte e teatro. As relações entre arte e antropologia se manifestam no contexto do experimentalismo em pesquisa e nos processos de construção de linguagens, promovendo conhecimentos interdisciplinares que desafiam as formas convencionais de conduzir pesquisa. O artigo apresenta um panorama e uma discussão sobre as mudanças paradigmáticas que norteiam as formas de fazer pesquisa nas ciências sociais hoje, como forma de contextualizar as aproximações contemporâneas entre arte e antropologia, em seguida apresentando as articulações entre imagens, performances e antropologia digital como etnografias multissituadas.

Palavras-chave: Imagem. Performance. Arte. Antropologia.

ABSTRACT

There is no social scientist who does not encounter images in their contemporary research, whether they be photographic, audiovisual, memes circulating on social networks, or institutional images on the official page of the group under study: images circulate. The following paper emerges as an invitation to observe the importance of the fields of images, performance, and the digital as exploratory possibilities for multi-sited research in anthropology. The theme arises as a meeting point between researchers who contemplate

¹ Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. DCS-UFS. E-mail: marina.cavalcante.vieira@gmail.com.

² Doutora em Artes Visuais, UNICAMP. E-mail: kitmenezes@gmail.com.

images and performances from different origins and backgrounds. The aim of our work is to present the concept of multi-sited ethnography, by George Marcus, in the analysis of Richard Schechner's performance, and the emergence of digital anthropology, as a way to understand the proliferation, circulation, and multi-situationally of contemporary images. The text articulates these various fields in a theoretical and methodological discussion about the conditions and creative possibilities of conducting research in anthropology, art, and theater. The relationships between art and anthropology manifest in the context of experimentalism in research and in the processes of language construction, promoting interdisciplinary knowledge that challenges conventional forms of conducting research. The article provides an overview and discussion of paradigmatic changes guiding the ways of conducting research in social sciences today, contextualizing contemporary approaches between art and anthropology. It then presents the connections between images, performances, and digital anthropology as multi-sited ethnographies.

Keywords: Image. Performance. Art. Anthropology.

RESUMEN

No hay científico social que no se encuentre con imágenes en su investigación contemporánea, ya sean fotográficas, audiovisuales, memes que circulan en redes sociales o imágenes institucionales en las páginas oficiales de los grupos bajo estudio: las imágenes circulan. La siguiente presentación surge como una invitación a observar la importancia de los campos de imágenes, performance y lo digital como posibilidades exploratorias para la investigación multisituada en antropología. El tema surge como un punto de encuentro entre investigadores que contemplan imágenes y performances desde orígenes y formaciones diferentes. El objetivo de nuestro trabajo es presentar el concepto de etnografía multisituada, de George Marcus, en el análisis de la performance de Richard Schechner y en la aparición de la antropología digital, como una forma de comprender la proliferación, circulación y multisituacionalidad de las imágenes contemporáneas. El texto articula estos diversos campos en una discusión teórica y metodológica sobre las condiciones y posibilidades creativas de realizar investigaciones en antropología, arte y teatro. Las relaciones entre arte y antropología se manifiestan en el contexto del experimentalismo en la investigación y en los procesos de construcción del lenguaje, promoviendo conocimientos interdisciplinarios que desafían las formas convencionales de realizar investigaciones. El artículo proporciona una visión general y discusión de los cambios paradigmáticos que guían las formas de realizar investigaciones en las ciencias sociales hoy, contextualizando enfoques contemporáneos entre arte y antropología. Luego presenta las conexiones entre imágenes, performances y antropología digital como etnografías multisituadas.

Palabras clave: Imagen. Performance. Arte. Antropología.

Introdução

As relações entre arte e antropologia são bastante frutíferas quando pensamos nas formas de fazer pesquisa e produzir linguagens em ambos os campos. Tanto a antropologia tem a contribuir com a análise do mundo da arte, como a arte tem muito a ensinar aos cientistas sociais em inovações metodológicas e nas formas de conduzir processos para a produção de conhecimento. O artigo a seguir tem como objetivo pensar o papel das imagens e performances em contextos multissituados de pesquisa, articulando as discussões teórico-metodológicas de George Marcus (1995) de etnografias multissituadas, a partir do conceito de performance em Richard Schechner (2003) e das

reflexões sobre antropologia digital, como forma de convidar os pesquisadores contemporâneos a mergulhar em um mundo de imagens que circulam.

O trabalho a seguir se coloca muito mais como um convite a jovens pesquisadores, a se permitirem perceber as imagens, performances e as relações com o mundo digital, quando essas emergirem de seus campos de pesquisa, permitindo a construção de olhares e saberes multissituacionados.

As transformações epistemológicas nas ciências sociais e humanas a partir da década de 1960 colocam uma nova agenda de pesquisa, fazendo surgir novas áreas, objetos e abordagens teórico metodológicas, naquilo que Boaventura de Sousa Santos (2008) conceituou como “paradigmas emergentes” em ciências sociais, em seu livro **Um Discurso sobre as ciências**.

O artigo a seguir apresenta um panorama e discussão sobre as mudanças paradigmáticas que norteiam as formas de fazer pesquisa nas ciências sociais hoje, abordando questões como a crítica à razão iluminista e a revisão das relações sujeito e objeto, para em seguida apresentar o tema da imagem como mote aglutinador que permeia e atravessa as mais diversas pesquisas contemporâneas. Veremos as diferenças entre abordagens teórico-metodológicas clássicas e contemporâneas, demonstrando a passagem de paradigmas epistemológicos, para em seguida considerar a emergência de novas formas de fazer pesquisa em ciências sociais, que tomam performances, pesquisas multissituadas, digitais e principalmente com imagens como campos férteis para experimentações teórico-metodológicas no mundo contemporâneo.

Faremos um pequeno apanhado comparativo entre perspectivas teórico-metodológicas dos clássicos em ciências sociais, para em seguida apontar as transformações epistemológicas que pautam as pesquisas contemporâneas. É crucial ressaltar questões filosóficas e epistemológicas para responder às perguntas de como e por que os pressupostos sobre verdade, e mudanças em paradigmas científicos transformaram as nossas concepções teórico-metodológicas e maneiras de fazer pesquisa, desde o

desenvolvimento das ciências sociais no século XIX até os dias de hoje. A partir daí poderemos compreender a contemporânea reaproximação entre antropologia e arte.

A análise comparativa entre perspectivas teórico-metodológicas dos clássicos em ciências sociais e abordagens contemporâneas, serve como uma espécie de palco que contextualiza e inscreve o cenário no qual emergem novas formas de fazer pesquisa, que reinventam o trabalho de campo a partir de processos colaborativos.

As teorias sobre imagem são a pedra angular a partir da qual os interesses das autoras convergem, tornando-se o ponto nodal para pensarmos a circulação de imagens na sociedade contemporânea enquanto multissituacionalidade de pesquisa. Ao compreender imagem em seu sentido amplo, abarcamos tanto imagens visuais quanto mentais, em seus sentidos narrativos e discursivos. A noção de imagens multissituadas, que dá título ao artigo, parte dessa compreensão ampla de imagem, exercitando as relações que Didi-Huberman (2013) aponta entre imagem e imaginação.

1. Perspectivas teórico-metodológicas em comparação

Antes de tudo, é importante notar que nos referimos sempre à ideia de fundamentos teórico-metodológicos, compreendendo que metodologia não é uma espécie de ferramenta apartada da teoria. Todo método de pesquisa é orientado e informado por uma teoria prévia e foi constituído como uma forma de responder às questões, hipóteses e perguntas colocadas por um determinado autor diante de uma determinada realidade e enquadramento teórico. Marx, Weber e Durkheim, por exemplo, autores clássicos da sociologia, nunca separaram teoria de método em suas análises, pelo fato de que cada metodologia, cada forma de se aproximar do objeto de análise se relaciona com os pressupostos teórico-filosóficos, com a maneira de definir sujeito e objeto, em suma, com a perspectiva adotada por cada autor e o recorte dado ao tema.

A questão fundamental para os clássicos da sociologia e antropologia, quando da instituição de métodos, sempre teve de lidar com o incômodo fato de que o pesquisador em ciências sociais é ao mesmo tempo sujeito e objeto, isto é, somos parte envolvida na análise e nas relações sociais que estudamos. A resolução dessa questão ou a maneira de construir a objetividade científica foi diferente para Marx, Weber e Durkheim. Enquanto Marx e Weber foram influenciados pela filosofia alemã e tentaram construir métodos de alcançar a objetividade científica tomando pressupostos filosóficos racionalistas, isto é, considerando que o sujeito é fator determinante na construção do conhecimento e propondo metodologias próprias, Durkheim funda as bases de sua sociologia baseando-se em pressupostos filosóficos empiristas, adotando para a sociologia os mesmos métodos das ciências da natureza.

Tanto a antropologia quanto a sociologia são fundadas no século XIX tendo como modelo as ciências naturais e exatas, como forma de alcançar legitimidade científica. Em sua origem, são marcadas pela busca de rigorosos postulados metodológicos. Wolf Lepenies (1996), no livro **As Três Culturas**, demonstra como paulatinamente os cientistas sociais se afastam das artes e das letras, constituindo-se como “homens de ciência”, em contraposição aos “homens de letras”. Auguste Comte, por exemplo, tinha pouca preocupação com a forma de sua escrita, escrevendo em um estilo realista que marca também a sociologia de Durkheim, para quem os fatos sociais deveriam ser tratados como coisas e a atitude do sociólogo diante do seu objeto deveria ser tal qual “a do físico em seu laboratório”. Assim, Durkheim separa completamente sujeito e objeto, tomando como pressuposto uma abordagem epistemológica empiricista, de que o pesquisador seria capaz de chegar à realidade e à verdade dos fatos sociais.

Ao longo do século XIX desenvolve-se também a antropologia, com preocupações semelhantes de definição de método e disputa por legitimidade científica. A antropologia física ou biológica utilizou-se principalmente de saberes médicos e metodologia antropométrica como forma de catalogar a diferença entre distintos povos humanos. Mais do que apenas catalogar, ela se construiu como uma forma de saber-poder, como diria Foucault, que construiu e hierarquizou a diferença por meio da produção da noção de raça, o que até então era considerado conhecimento científico.

Nos fundamentos da antropometria e do conceito de raça estava a ideia de que o corpo guardava a verdade e determinava as diferenças de costumes entre povos e sociedades. Buscava descrever e arranjar em escalas de evolução. O que definia quais sociedades eram mais ou menos evoluídas era o conceito biológico de organismo simples e complexo.

A antropologia moderna nasce com a instituição do trabalho de campo como método de pesquisa, a partir de Malinowski (1978) e a publicação de **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, até então as pesquisas de campo eram raras e constituídas como expedições no bojo de equipes maiores, ao exemplo da expedição ao Estreito de Torres. A partir de Malinowski a antropologia de gabinete perde legitimidade e espaço, com o trabalho de campo e a etnografia como modelo e método privilegiado de pesquisa. A questão principal passa a ser como se aproximar de culturas distantes e descrevê-las encontrando uma posição ideal entre proximidade e distância. Assim como Durkheim, Malinowski exortava a necessidade de que o pesquisador se abstinhasse de juízos de valor, o que ironicamente ele não conseguiu fazer, como ficou claro a partir da publicação de seus diários de campo, em 1967.

Tendo feito esse pequeno apanhado sobre os pressupostos epistemológicos nos clássicos da sociologia e antropologia, a pergunta que nos move é: em que medida as ciências sociais hoje se orientam em bases teórico-metodológicas diferentes?

2. A virada epistemológica

A partir da virada epistemológica e do surgimento de novos paradigmas científicos que reformularam a noção de ciência do século XIX, como a teoria da relatividade e o princípio da incerteza, a noção de ciência passa por revoluções de paradigmas, para usar termo de Thomas Kuhn (1997), sendo vista agora como um empreendimento não em busca da Verdade, mas de uma verdade válida e que deve ser sempre testada, em abertura para a sua superação, tendo como validade o que Popper (1978) chamou de princípio de falseabilidade.

O que antes era um “incômodo” apenas nosso, dos cientistas sociais e da área de humanidades em geral passa a ser compreendido como uma questão para pesquisadores em todas as áreas da ciência: sujeito e objeto de pesquisa se relacionam; a ciência fornece explicações válidas, e não verdades, por mais rigorosas e aceitas pela comunidade científica que sejam essas explicações.

A partir da década de 1960 e 1970, autores como Boaventura de Sousa Santos (2008) e Edgar Morin (2005) falam do surgimento de paradigmas científicos emergentes e da abertura do pensamento complexo, sendo a complexidade para Morin ao mesmo tempo forma de pensar e método de pesquisa.

É justamente a partir da década de 1960 que surge a virada epistemológica e linguística proposta pelo pós-estruturalismo, as lutas de libertação colonial em África, seguidas por teorias feministas, pós-coloniais e pós-modernas. Como afirma Jean François Lyotard (2009), esse novo momento histórico é marcado na filosofia e nas ciências sociais pelo fim das grandes narrativas, pela perda da fé na razão do sujeito iluminista e pelo fim de qualquer pretensão de busca da verdade.

Esses novos pressupostos epistemológicos e filosóficos exigem das ciências sociais redefinições das relações entre sujeito e objeto, e novos métodos de pesquisa para lidar com realidades complexas, objetos de pesquisa fronteira e interdisciplinares, múltiplos e plurais.

John Law em **After Method** (2004), em tradução livre “Após o Método”, argumenta em favor da criação de novos métodos para lidar com realidades e temas múltiplos e fronteira. Segundo Law (2004) a abordagem metodológica constrói olhares, objetos de pesquisa e suas respectivas teorias. É nesse sentido que comunitaristas encontram comunidades, marxistas classes e culturalistas culturas, pois a teoria e olhar funcionam como uma lente que guia as respostas encontradas em campo.

As críticas de Foucault, Deleuze (2018), Derrida e Guattari ao sujeito iluminista criam uma crise de representação nas ciências sociais. Não é mais possível conceber o autor como

sujeito universal, impessoal e distanciado. É nesse sentido que as ciências sociais passam a se aproximar da análise do discurso como método e dos estudos literários dos quais inicialmente quisera se afastar. O texto é o autor e o estilo realista da escrita de autores clássicos passou a ser em si mesmo objeto de estudo.

Wright Mills (2009) aponta a imaginação sociológica como forma de artesanato intelectual e envolvimento criativo do pesquisador com seu tema. Mais do que apontar receitas de pesquisa, a construção do conhecimento deve ser empreendida em meio ao rigor da constituição de um arquivo e ao mesmo tempo como pulsão de aventura. Simmel (1998) afirma que a aventura é uma espécie de jogo em direção ao novo, ao desconhecido. É assim que ele compara a atividade do filósofo com uma aventura que se assemelha a atravessar um nevoeiro.

Como afirma Deleuze (2018), o pensamento se dá em uma cadeia de signos que tende para a abertura, o verdadeiro pensar, o novo, não se encontra nem no começo nem no fim, mas no meio. Metodologias e conceitos devem ser adaptados e reinventados a partir de cada contexto de pesquisa, pois não são modelos prontos. Métodos, teorias e objetos de pesquisa são recortados e construídos ao longo da pesquisa. É nesse sentido que Deleuze afirma que os conceitos são como caixas de ferramentas, só servem se forem usadas. A separação entre teoria e empiria não faz sentido. É preciso que teorias funcionem, em uma relação constante e imbricada entre prática e teoria.

Autores como Wright Mills (2009), Pierre Bourdieu et al (1999) e Howard Becker (1997) já vêm há muito apontando para como metodologia é inseparável de teoria e não pode ser apartada do contexto de sua criação, das questões que cada pesquisador intenciona responder. Não existem receitas de bolo. Existem fundamentos, tal como construir uma casa. Que ao chegar ao local é preciso adaptar-se às condições do solo, se plano ou não. Observar as posições do sol ao longo do dia, as entradas de ar e etc.

Pierre Bourdieu et al (1999), por exemplo, criticam fortemente o fenômeno dos metodólogos especialistas em métodos, mas que não fazem pesquisas. Seria quase como um caso clínico freudiano de um neurótico que está sempre a limpar os óculos, mas sem

nunca ter coragem de pô-los no rosto. Para este autor, não há separação entre teoria e método, pois método seria teoria em ação. É nesse sentido que Mariza Peirano (2004) afirma que “etnografia não é método” constitui antes uma perspectiva que perpassa todas as etapas de pesquisa, desde a preparação anterior ao campo, o trabalho de campo propriamente dito, a reformulação das questões de pesquisa e a escrita. Etnografia é teoria em ação. Uma teoria colocada em prática e que tem sempre que ser testada e aproximada da realidade que quer ao mesmo tempo analisar e descrever.

A virada epistemológica e a crise de representação impõem novas agendas para as ciências sociais, a partir da noção de polissemia e polifonia. Ser afetada, como afirma Favret-Saada (2005), é uma condição de pesquisa. A construção de conhecimentos situados, ou melhor, o reconhecimento de que toda forma de conhecimento é situado, tendo dado lugar à noção de sujeito iluminista e aos estilos de escrita e distanciamento do objeto de pesquisa. Esse tipo de construção de pretensão universal e não situada do saber iluminista foi conceituada como violência epistêmica por Spivak (2010).

Foram principalmente as autoras feministas que demonstraram que o recurso estilístico da voz universal do sujeito iluminista, na verdade escondia uma perspectiva patriarcal, masculina, heterossexual e androcêntrica. Está na agenda das ciências sociais contemporaneamente, não apenas dar voz aos outros, mas criar condições de fala. A partir daqui surgem questões de pesquisas contemporâneas que colocam desafios para as noções de trabalho de campo canônicas, ampliando as noções clássicas de pesquisa nas ciências sociais, abrindo assim novas formas de fazer trabalho de campo e etnografia.

A compreensão da etnografia como algo para além do trabalho de campo em sua acepção clássica malinowskiana: aquele circunscrito a uma aldeia, para onde o etnógrafo se desloca — permite a emergência de novas noções de campos, como, por exemplo, a literatura, o cinema, a fotografia, a performance, o arquivo, a internet.

3. Etnografia Multissituada: Uma Abordagem Emergente na Antropologia Contemporânea

A noção de etnografia multissituada, criada pelo antropólogo norte-americano George Marcus (1995), representa uma resposta metodológica a um mundo em constante transformação, em que objetos, ideias, imagens e pessoas circulam, em um fluxo que transcende fronteiras geográficas e culturais. Em colaboração com James Clifford, Marcus (2016) liderou o Projeto *Writing Culture*, que reuniu antropólogos em uma reflexão crítica sobre as práticas de escrita etnográfica, desde a década de 1980.

A crise de representação, juntamente com a crítica pós-colonial, estabeleceram um ponto de inflexão crucial para a antropologia. Esse período desafiou os paradigmas tradicionais e incentivou alguns antropólogos a explorar novas direções e abordagens experimentais. A noção de informante, antes central para a pesquisa etnográfica, foi submetida a uma revisão crítica, levando à reformulação da etnografia como um trabalho colaborativo entre pesquisadores e participantes.

O pressuposto de que toda teoria é intrinsecamente situada nos contextos de pesquisa embasa a noção de etnografia multissituada. A metáfora do “seguir”, tal qual concebida por Bruno Latour, ressalta a importância de rastrear conexões e relacionamentos, revelando circulações e rotas frequentemente ocultas. As estratégias de seguir conexões destacam as escalas e os caminhos de consequências não intencionais que emergem das situações de campos, como uma espécie de “tecnologia de fazer perguntas” (MARCUS, 1995) e de seguir processos, conexões e relações.

George Marcus (1995) destaca como o papel do indígena ativista como produtor de mídia tem reconfigurado os espaços em que muitas das antropologias tradicionais desenvolveram seus temas, como a etnologia indígena. Não existe mais aldeia fechada e isolada, tal como a construção da *mise en scene* narrativa malinowskiana. A recente democratização dos meios de comunicação não apenas diversificou esses espaços, mas também os tornou multi-espacializados. Eu diria que não apenas a mídia indígena, como cinema, fotografia e plataformas digitais, mas também o whatsapp, os museus indígenas,

a circulação de obras e exposições curatoriais feitas por indígenas, em vários museus do mundo, tendem a espacializar em outros lugares as lutas representacionais e políticas desses povos, em um processo que desterritorializa para reterritorializar, ou melhor, multissituar seus discursos, imagens, artes e agências.

Podemos citar exemplos de curadores e artistas indígenas de bastante projeção nacional e internacional, como Daiara Tukano e Denilson Baniwá, bem como do projeto Vídeo nas Aldeias e a proliferação de cineastas indígenas, assim como o fenômeno crescente do rap indígena. Esses exemplos demonstram que não há mais como delimitar um campo recortado e isolado geograficamente. As pessoas, bem como seus discursos e imagens circulam. Cabe ao pesquisador contemporâneo ficar atento a isso. Uma abordagem multissituada abre espaço para quem quer trabalhar com objetos que vão desde política, sociologia urbana, imagens, performance, antropologia histórica e arquivos, e antropologia digital e internet, à etnologia indígena e aldeias.

O conceito de multissituacionalidade permite que a pesquisa adquira aquele caráter de aventura e descoberta do novo, de que fala Georg Simmel (1998), bem como exercita a imaginação sociológica de Wright Mills (2009), como a capacidade de religar temas de maneiras inusitadas e traçar conexões nunca antes descritas, até porque no mundo as coisas estão interconectadas e são os conceitos e áreas de pesquisa que muitas vezes engessam e separam relações que na realidade se encontram ligadas.

4. Antropologia da Imagem e Antropologia Digital

As discussões sobre imagens e mundo digital nas ciências sociais hoje dão conta muito bem dessa dimensão multissituada. A sociologia e a antropologia digitais contemporâneas diferenciam-se dos estudos de ciberespaço da década de 1990, justamente por não separar mundo real de virtual, ou offline de online. Essas duas dimensões interligam-se na nossa vida hoje.

As imagens passam pela mesma questão. A fotografia, que no regime visual adotado por Malinowski é autoridade e documento, testemunha da condição de pesquisa e do “estar lá” etnográfico, com suas características realistas, passa a ser tomada em sua polissemia contemporaneamente. As imagens se proliferam no mundo contemporâneo e aglutinam diante de si a importância de sabermos lê-las, pois mesmo que não sejam o objeto principal de nossas pesquisas, comumente atravessam o nosso campo e as vidas daqueles que estudamos.

As imagens hoje são entendidas como múltiplas, como objetos fragmentos, imbuídas de sua própria linguagem e ambiguidades, que deve ser lida tanto em suas construções e intenções de sentido, como tomada em sua polissemia. Se tanto na fotografia antropométrica quanto na etnografia funcionalista de Malinowski as imagens figuraram enquanto regime de verdade, na antropologia contemporânea são tomadas como representação, em suas aberturas poéticas e polissêmicas.

Desde o início deste milênio, a antropologia digital consolidou-se com uma subárea essencial dentro da disciplina antropológica, tendo origem na antropologia visual e antropologia de mídia. Atualmente, essa abordagem não apenas se mostra adequada, mas muitas vezes imperativa na análise das formas de sociabilidade contemporâneas. A internet e o mundo digital atravessam cada vez mais esferas da nossa vida social, em processos que reconfiguram os objetos de estudo tradicionais da antropologia.

Ao falar sobre a diferenciação entre estudos de cibercultura e antropologia digital, Jean Segata (2020) grifa como a expressão “entrar na internet”, bastante comum para a geração cibercultura dos anos 1990, ressalta a sensação partilhada de que a internet estava em algum lugar, o que remonta à distinção entre mundo real e virtual, paradigmática para essa geração de acadêmicos. A expressão “entrar na internet”, se torna cada vez menos usual na medida em que se constata que a internet está em todos os lugares. A cibercultura era tomada como uma outra realidade, uma espécie de outra dimensão da vida social, enquanto a antropologia digital supera essa separação, incorporando a internet em sua intersecção com os mais diversos campos e temas da pesquisa antropológica.

Em **O digital e o humano**, Daniel Miller e Heather A. Horst (2015) argumentam que a humanidade não está nem mais um pouquinho mediada pela ascensão do digital. Os que falam sobre sermos atualmente mais mediados são vítimas de um discurso romântico, que pressupõe haver uma maior autenticidade e realidade em um mundo pré-digital. Miller (2015) argumenta que estamos todos imersos em uma cultura mediada, seja pelas tradicionais regras de parentesco e religião, seja pelas contemporâneas regras de etiqueta na internet e *game play*. A reflexão proposta pelo autor evidencia que mesmo antes da ascensão da internet, a humanidade já era moldada por mediações culturais.

Ao afirmar que as ciências sociais, em especial a antropologia, já vem há muito demonstrando como o mundo real sempre foi virtual, isto é, mediado, antes mesmo de percebermos o quão real é o mundo virtual, Daniel Miller e Heather A. Horst (2015) desafiam a divisão entre “real” e “virtual”, sugerindo que ambos os domínios são construções sociais que moldam a experiência humana. Essa abordagem abre caminho para pensarmos a importância do digital nas pesquisas contemporâneas e ao mesmo tempo desafia as percepções simplistas sobre autenticidade e realidade.

O mundo digital abre formas de sociabilidade que levam a maneiras distintas de construir narrativas de realismo e viver experimentações identitárias, permitindo assim que retomemos a antropologia da performance para pensar as apresentações de si em ambientes e plataformas digitais.

5. Antropologia da Performance

Uma das principais vertentes da antropologia da performance pode ser compreendida, de acordo com John Dawsey (2011), como o encontro entre teatro e antropologia, sintetizado nas trocas entre o antropólogo Victor Turner e o dramaturgo Richard Schechner (2003), iniciadas em finais da década de 1970, e que culminaram em experimentações e publicações ao longo da década 1980. Apresentaremos o conceito de performance em Richard Schechner, como forma de introduzir jovens pesquisadores em antropologia no

campo da performance, e fazemos o convite de perceber as diversas performances presentes no mundo digital.

A “virada performativa” se manifesta em diversas disciplinas e representa uma mudança paradigmática, em que performance é tanto conceito, quanto abordagem metodológica, paradigma e epistemologia. Em seu texto **O que é Performance?**, Richard Schechner (2003) explora as múltiplas abordagens para entender a performance, seja ela artística, ritualística ou cotidiana. Assim, o autor propõe que qualquer evento, ação ou comportamento pode ser examinado “como se fosse” uma performance, ou seja, todo comportamento pode ser submetido ao olhar dos estudos da performance. Existem as Artes da Performance, as que são declaradas performances enquanto tais, e as performances do cotidiano, que por ora são as que nos interessam.

Para Schechner (2003), performances existem apenas como ações, interações e relacionamentos. A sua essência está na interatividade, não em indivíduos isolados, mas no espaço entre. A noção de performances como comportamento restaurado aponta para a superação da dicotomia estrutura e ação nas ciências sociais, pois para Schechner não há nenhuma ação que possa ser categorizada como um comportamento executado uma única vez, e, ao mesmo tempo, cada performance é única, uma vez que os fragmentos de comportamentos podem ser restaurados em variações infinitas. Ou seja, nenhum evento, ação ou performance pode reproduzir exatamente o anterior, ao mesmo tempo em que nada de novo pode ser criado sem a combinação de comportamentos anteriores.

Em sua obra **A representação do eu na vida cotidiana**, Erving Goffman (2011) apresenta a intrigante ideia de que cada indivíduo está constantemente engajado em uma forma de teatro, em que desempenha o papel do eu diante de uma audiência. Nesse palco, somos tanto atores que se apresentam, buscando criar performances autênticas, quanto parte da plateia que observa e valida ou não as performances alheias. Ao aproximar sociologia e teatro, Goffman (2011) concebe a metáfora do teatro cotidiano, que se dá nas interações e sociabilidades diárias. O autor distingue performances que seriam comportamentos de bastidores, aquelas que ocorrem distantes dos olhos do público, e comportamentos de palco, que seriam as representações conscientes ou não que

apresentamos ao mundo. Essa dualidade revela a complexidade das interações sociais, cenário em que as performances são constantemente moldadas e adaptadas para atender às expectativas do público. Na internet, esse controle entre comportamento de palco e de bastidores é evidente em fotografias cuidadosamente montadas e tratadas por filtros, publicadas em plataformas como instagram.

Richard Schechner aponta para como a internet tem transformado as performances de si e mesmo a performance enquanto “arte da performance”.

Uma das diferenças entre a vida e a arte é que na arte nós não experimentamos os eventos em si mesmos, mas suas representações. Esta noção estética clássica é desafiada nessa época de dissimulação, virtualização, artistas performáticos e atores de webcam, que exercem comportamentos de vida real diante de nossos olhos (SCHECHNER, 2003; 48).

Para Schechner (ibid.), estamos vivendo um período de dissolução das fronteiras e distinções clássicas entre realidade e representação, em que as linhas entre “ser performance” e “como se fosse performance” estariam desaparecendo.

Considerações Finais

O artigo apresentou uma introdução a campos de pesquisa emergentes em ciências sociais, focando em antropologia da performance, etnografias multissituadas, imagens e digital. Vimos como as concepções de objetividade científica mudaram nas ciências sociais a partir da década de 1960, apresentando um apanhado dos principais pontos em que as transformações epistemológicas entre pesquisas clássicas e contemporâneas em ciências sociais ocorreram, construindo assim um cenário para exemplificar as aproximações contemporâneas entre arte e antropologia. Por fim, falamos da noção de pesquisas multissituadas e da emergência de campos de pesquisa visual, digital e estudos da performance para a formação dos pesquisadores do presente e do futuro.

Ao propor que imagens, performances e mundo digital sejam tomados em sua multissituacionalidade, propomos que também não nos fechemos nem na imagem, nem na performance, tampouco na internet como campo de pesquisa, mas que as tomemos de forma transversal em nossas pesquisas, observando quando e onde o digital e a imagem se tornam multissituacionais e aparecem em nossos campos, como ruídos e fragmentos de coisas que circulam.

Referências

- BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J. e PASSERON, J. **A Profissão do Sociólogo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens/ed UFRJ, 2016.
- DAWSEY, J. C. Schechner, teatro e antropologia. **Cadernos de Campo (São Paulo – 1991)**, [S. l.], v. 20, n. 20, p. 207-210, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo**. N. 13, p. 155-161, 2005.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LAW, John. **After Method: Mess in Social Science Research**. Nova Iorque: Routledge, 2004.
- LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. São Paulo: Editoras USP, 1996.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Editora José Olympo, 2009.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1984. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural. 1978.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**. vol. 24, p. 95 - 117, 1995.

MILLER, D & HORST, H. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia digital. **Revista Parágrafo**. V. 3, n. 2, 2015.

MILLS, Wright. Sobre o artesanato intelectual. *In*: Mills, Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 21-58, 2009.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Ano 20, n. 42, p. 377-391, 2004.

POPPER, Karl. **Lógica das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHECHNER, Richard. O que é performance. **O Percevejo**. Rio de Janeiro, UNIRIO. Ano 11, n. 12, p. 25-50, 2003.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SIMMEL, Georg. A aventura. *In*: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora UnB, p. 169-185, 1998.

Recebido: 12.10.2023

Aprovado: 22.12.2023